

Parte I - Psicanálise: clínica e conceitos

Sobre a clínica psicanalítica com crianças

Gerson Smiech Pinho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHO, GS. Sobre a clínica psicanalítica com crianças. In: BACKES, C., org. *A clínica psicanalítica na contemporaneidade* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, pp. 25-33. ISBN 978-85-386-0387-0. Available from: doi: [10.7476/9788538603870](https://doi.org/10.7476/9788538603870). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/ckhgz/epub/costa-9788538603870.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Sobre a clínica psicanalítica com crianças

Que particularidades introduzem-se em uma análise quando conduzimos o tratamento de uma criança? Uma observação rápida e superficial, mesmo que feita por um leigo, poderia levantar uma série de elementos. Entre outras coisas, ao invés de deitar no divã ou sentar na poltrona durante todo o tempo, o paciente senta no chão, caminha, corre e se esconde pelo espaço do consultório; além disso, aquilo que é falado durante a consulta transcorre em meio a modelagens, desenhos, jogos e brincadeiras; ou ainda, os pais do paciente geralmente estão presentes no tratamento de modo sistemático, em entrevistas ou, até mesmo, na própria consulta da criança.

Porém, ao ultrapassarmos o nível desses fenômenos mais imediatos e evidentes, encontramos-nos com a pergunta a respeito da estrutura que determina e condiciona tais características, ou seja, aquela que sustenta a subjetividade de uma criança. Nesse caso, seria possível delimitarmos uma condição estrutural específica para o sujeito infantil?

Quando formula sua concepção de inconsciente, Freud sublinha o caráter atemporal dessa instância: o desejo que estrutura nossa subjetividade tem sua origem na infância e perpetua-se durante toda nossa existência. Sempre que uma formação do inconsciente vem à tona, trata-se de um desejo estruturado na infância que insiste em se fazer ouvir.

Na verdade, essa estrutura, constitutiva da subjetividade, ultrapassa nossa existência concreta, pois se encontra antecipada no discurso daqueles que nos antecedem. A rede simbólica que ordena o funcionamento pulsional do corpo preexiste a seu aparecimento, já que está presente no Outro desde antes do nascimento.

Porém, se a estrutura é anterior à existência do sujeito, também é verdade que um bebê não nasce com ela já inscrita em seu corpo. Um longo caminho precisa ser percorrido para que essa inscrição aconteça, desde os primeiros momentos de vida até o final da adolescência. Se a estrutura já está antecipada no Outro, é no desenrolar da história do sujeito que o trabalho de inscrição vai se dar.

Dessa forma, o sujeito encontra-se exposto a uma dupla demanda na infância: de ser adulto, naquilo que lhe é antecipado desde o Outro, e de ser criança, a partir de sua condição infantil. Por um lado, a estrutura antecipa aquilo que a criança pode *vir a ser* quando for adulta; de outro, temos aquilo que ela *é*, enquanto criança. Por esse motivo, Jerusalinsky (1999) propõe que, na infância, o registro do Real tem uma dupla borda. Uma criança transita por um tempo em que os limites que o Real impõe são incertos. Isso se verifica, por exemplo, na forma imprecisa com que um adulto decide sobre aquilo que já é, ou ainda não é, possível para uma criança dar conta em sua vida.

Dessa forma, introduz-se uma particularidade no entrelaçamento dos três registros¹ que permite delimitar a peculiar estrutura do sujeito infantil. Ainda de acordo com Jerusalinsky (1999), podemos afirmar que, na infância, o registro do Real tem uma dupla borda.

É a partir desse excesso de Real que se produzem diversos fenômenos característicos da infância, os quais inevitavelmente se fazem presentes na direção do tratamento psicanalítico de uma criança. Entre outras questões, esses fenômenos vão ter conseqüências para pensarmos o lugar transferencial que ocupamos diante de uma criança, a especificidade do sintoma na infância e o lugar do brincar na psicanálise com crianças.

¹ Aqui, fazemos referência ao Nó Borromeano, elaborado por Lacan nos últimos anos de sua obra, e que permite articular os três registros – Simbólico, Imaginário e Real.

Considerações sobre a transferência na infância

Uma primeira consequência do excesso de Real na estrutura do sujeito infantil é a necessidade de que o Outro seja encarnado por agentes Reais. Jerusalinsky (1999) denomina essa “personificação” do Outro na infância de “Outro encarnado”. A partir dessa função, fica delimitada uma importante diferença entre a posição de um adulto e a de uma criança: nesta, a posição significante no discurso tem que estar sustentada por outro real.

Jerusalinsky (2005) afirma ainda que “o pequeno sujeito vê-se às voltas com a necessidade de se sustentar num outro real para suprir os atos dos quais ainda não é capaz” e que, por esse motivo, a criança “se mostra tão sensível às sutis torções do percurso que os adultos lhe imprimem”.

Que consequências podemos extrair disso para pensarmos a transferência na psicanálise de crianças?

Quando Freud (1980b) indica, no caso do pequeno Hans, que apenas a junção em uma mesma figura da autoridade do pai com a do médico possibilitaram aquela análise, podemos interpretar uma alusão ao fato de que na análise de uma criança sempre existe algo que estará presentificado no adulto. A transferência na infância necessita ser pensada a partir dessa encarnação do Outro em um agente Real.

Para trabalhar o tema da transferência na infância, Jerusalinsky (2001) levanta a questão da autonomia do sujeito poder, ele mesmo, sustentar a transferência, a qual dependerá de que o outro real da infância vá cedendo seu lugar ao Outro simbólico. No tratamento de uma criança, a transferência se apresenta como um campo múltiplo no qual os pais estão envolvidos desde o princípio, já que são eles que, em geral, demandam o trabalho.

É a partir disso que é possível decidir a necessidade ou não de trabalhar com os pais da criança. Isso é definido pela leitura transferencial dessa questão da autonomia e não por uma técnica. Penso que esse mesmo ponto justifica a necessidade transferencial de um psicanalista trabalhar com os professores e outros terapeutas de seus pacientes crianças, já que eles também estarão no lugar de agentes do Outro para o pequeno sujeito.

O brincar na psicanálise com crianças

Outra conseqüência da duplicação do registro do Real na infância está relacionada ao brincar. Como mencionamos, uma criança tem antecipada em sua estrutura uma série de possibilidades que ainda não podem ser efetivadas. Por esse motivo, o pequeno sujeito vai *brincar* de ser tudo aquilo que ainda não é possível ser de verdade.

Jerusalinsky (1999) sublinha a presença da dupla demanda, de ser adulto e de ser criança, no particular tempo verbal que as crianças utilizam enquanto brincam. Quando falam “*agora*, eu *era*...”, encontramos uma palavra no presente e outra no passado: dois tempos diferentes conjugados entre si. Segundo esse autor,

Esta antecipação, provocada pelo adulto, encontra na linguagem infantil seu correlato estrutural: a conjugação de um “futuro anterior”, que insiste no jogo, para resistir ao real de sua insuficiência que, ali mesmo, está a espreitar. Assim, as crianças ensaiam uma e outra vez seus *faz-de-conta-que-eu-era...*, seus “E então tu *vinhas*...” “Fica quieta – diz para a irmãzinha – não te dás conta que tu *eras* a princesa!” [...] É um *agora* que não é presente, mas sim futuro; que lança, portanto, o presente, o *ser*, ao *era*, do passado indefinido. (Jerusalinsky, 1999, p. 44-45, grifo do autor)

Se prestarmos atenção às questões “brincadas” pelas crianças, logo nos damos conta de sua relação com aquilo que é antecipado ao sujeito. Brincar de mamãe, papai, polícia ou médico implica antecipar lugares, propostos pela cultura, em um momento no qual o sujeito ainda não é suposto como alguém que possa efetivamente ocupá-los. Em nossa forma de organização cultural, as crianças encontram uma promessa de realização futura destas possibilidades que lhes são inacessíveis durante a infância. É com estes lugares antecipados que elas brincam. Freud (1980a) afirma que o desejo mais importante que movimenta o brincar é o desejo de ser adulto.

É na imagem de adulto, que vislumbram em seu horizonte, que as crianças encontram boa parte do “combustível” para suas brincadeiras. Assim, através do brincar, a estrutura antecipada na linguagem para a criança pode ser colocada em cena e, como conseqüência, o futuro anterior é utilizado como tempo verbal característico do momento do brincar. O adulto antecipa um mundo na estrutura da criança, o qual vai compor sua realidade fantasmática que, com o brincar, será colocada em

jogo através dos objetos da realidade. É por este motivo que o brincar aparece como um eixo central na técnica psicanalítica com crianças.

Com o nascimento da psicanálise de crianças, foi necessário fazer modificações na técnica analítica clássica, criada por Freud e utilizada com pacientes adultos. As crianças não demonstram as mesmas condições que os adultos para falarem livremente de suas questões e, dessa forma, levantaram um problema de ordem técnica para os primeiros psicanalistas que se dispuseram a escutá-las. Pioneira neste campo, Hermine von Hug-Hellmuth introduziu atividades de jogo e desenho no trabalho clínico com crianças. Porém, foi Melanie Klein quem formalizou a técnica do brincar (*play technique*) e aplicou ao brincar das crianças a idéia freudiana de uma significação simbólica, equivalente à dos sonhos. Através de jogos e brincadeiras, a criança expressa o conteúdo de suas fantasias, desejos e experiências de modo simbólico, pois

[...] brincar é o meio de expressão mais importante da criança. Ao utilizarmos essa técnica lúdica, logo descobrimos que a criança faz tantas associações aos elementos isolados de seu brinquedo quanto o adulto aos elementos isolados de seus sonhos. Cada um desses elementos lúdicos é uma indicação para o observador experimentado, já que, enquanto brinca, a criança também fala e diz toda a sorte de coisas que tem o valor de associações genuínas. (Klein, 1969, p. 31)

Mesmo que possamos tecer diversas críticas ao modo como intervinha, com estas observações Melanie Klein explicita o valor de palavra do brincar – que Freud já havia encontrado no sonho –, na medida em que através dele a criança pode falar de suas fantasias e desejos.

Se Melanie Klein permitiu que a função simbólica do brincar fosse explicitada, Winnicott trabalhou de modo minucioso a relação existente entre o brincar, a capacidade criativa do sujeito e a cultura. Com o conceito de espaço transicional, ele delimita uma região em que vários fenômenos se originam, entre eles o brincar e as experiências culturais. Segundo ele, há uma evolução direta que vai do brincar até a cultura. Winnicott (1975, p. 60) afirma que “o brincar precisa ser estudado como um tema em si mesmo, suplementar ao conceito de sublimação do instinto”. Na psicanálise, o conceito de sublimação está diretamente relacionado à possibilidade criativa do sujeito, seja ela artística ou intelectual. Ao situar o brincar como um fenômeno cujo funcionamento é suplementar ao mecanismo sublimatório, Winnicott associa-o intimamente à potencialidade criativa do sujeito e à produção cultural.

Brincar, sublimação e direção do tratamento

Penso que esta indicação de Winnicott, que associa o brincar à sublimação, é de extrema importância, já que permite aprofundar a compreensão do brincar como mola central da direção da cura e do deciframento do sintoma na clínica com crianças. Por esse motivo, proponho que procuremos aprofundar um pouco mais esta relação.

Pommier (1990) afirma que existem dois mecanismos através dos quais um sujeito pode lidar com o desejo do Outro que o antecede e que possibilita sua existência: o sintoma e a sublimação.

A única saída para que a criança encontre alguma significação para sua existência é responder amorosamente com seu ser e seu corpo ao enigma do desejo que a antecede. Porém, paradoxalmente, essa resposta faz com que fique presa e alienada a este desejo. Se alguém se conforma de modo absoluto ao lugar designado por aqueles que desejaram seu nascimento, sua particularidade como sujeito desaparece. Assim, as duas formas de adiar esta “morte” que funda a existência são o sintoma e o ato de sublimação. Graças a um desses dois mecanismos é possível inverter o desejo que antecede o sujeito. Porém, enquanto o sintoma é sentido como um corpo estranho pelo sujeito, de forma passiva, a sublimação é vivida ativamente, já que implica a produção de uma obra que pode ser assinada em nome próprio. Pommier (1990, p. 194) também destaca que a sublimação “é um destino obrigatório da pulsão, uma criação necessária à existência”.

Para esclarecer essa idéia, tomaremos o exemplo com o qual esse mesmo autor ilustra tal questão. Segundo ele, quando uma criança é impelida pela compulsão de comer, a fome que procura satisfazer está para além dela. O desejo que a impele não é seu e a única coisa que pode limitá-la é a repugnância. O sintoma de repugnância é o limite colocado pela criança ao amor que a impele a satisfazer um desejo que não é o seu. É como uma resistência à alienação que o sintoma se organiza. Quando a criança responde ao apelo materno e satisfaz sua demanda, preenche-a e se identifica ao que lhe falta. Assim, o sintoma permite fazer algum limite a uma entrega incondicional à demanda materna.

A sublimação é uma outra forma de responder a essa demanda, permitindo ao sujeito, através de sua obra, desfazer-se de sua identifi-

ção àquilo que falta ao Outro. O ato criativo possibilita distanciar-se da captura em relação ao desejo do Outro através de uma visão da “Coisa” que falta, expressa pela produção criada.

Na diferença colocada por Pommier entre sintoma e sublimação, encontramos o caráter de passividade no primeiro desses mecanismos e o de atividade no segundo. É esse caráter de atividade do ato sublimatório que permite ao sujeito, frente ao desejo do Outro, tomar uma posição diferente da via sintomática. Como podemos compreender essa idéia em relação ao brincar, já que o identificamos ao mecanismo da sublimação? Reportemo-nos à observação de Freud (1980a) do clássico jogo do *fort-da* para prosseguirmos nossa reflexão.

Esta observação foi feita por Freud com seu próprio neto, de um ano e meio de idade, que brincava com o aparecimento e o desaparecimento de objetos. A brincadeira do menino consistia em apanhar qualquer dos objetos que pudesse agarrar e atirá-los longe, enquanto emitia o som *o-o-o-ó*, que representava a palavra alemã *fort* (embora). Assim, ele brincava de ir embora com seus brinquedos. Em um determinado momento, o menino tinha em suas mãos um carretel de madeira amarrado por um pedaço de barbante. Arremessando o carretel por sobre a borda de sua cama e segurando-o pelo barbante, fazia com que este objeto desaparecesse, enquanto emitia o som *o-o-o-ó*. Depois, puxando o carretel de volta, saudava seu reaparecimento com a palavra alemã *da* (ali). Assim, a brincadeira completa implicava o desaparecimento e o retorno do objeto. A interpretação dada por Freud a esse jogo relaciona a encenação do desaparecimento e retorno dos objetos à repetição das cenas de saída da mãe. Dessa forma, a criança assume um papel ativo ao repetir uma cena anteriormente sofrida por ela de forma passiva.

No jogo do *fort-da*, o menino encena o afastamento de sua mãe, e Freud afirma que, nesse caso, a criança busca tomar uma posição ativa em uma situação sofrida de forma passiva. Esta interpretação coincide com o caráter de atividade atribuído ao ato sublimatório por Pommier.

Coriat (1997, p. 191), partindo da interpretação de Freud sobre o jogo do carretel, afirma que “o brincar é o cenário no qual a criança apropria-se dos significantes que a marcaram”. Um bebê, quando nasce, é mergulhado no universo de linguagem da sua cultura. Este “banho” de palavras deixa marcas singulares em cada um, inscreven-

do determinados significantes em seu corpo, os quais lhe conferem uma significação mínima. Este primeiro tempo é referente à alienação do sujeito neste horizonte de significações. Porém, para que possa se apropriar desses significantes, é necessário que essa criança possa sair de um tempo inicial de passividade, no qual a inscrição significativa aconteceu, para um segundo momento, de atividade, de separação. Se nos reportarmos à definição de sublimação proposta por Pommier (1990), perceberemos que ela converge com a formulação de Coriat a respeito do brincar. Através do brincar, o pequeno sujeito pode tomar uma posição ativa, através da “obra” produzida, diante do desejo do Outro em que se alienou.

Coriat (1997, p. 35) ainda afirma que “a ausência da mãe presentifica um lugar vazio na própria criança. É sempre desde um lugar vazio que o brincar se produz e é sempre desde o brincar que se produz uma criança”.

Nessa mesma direção, Baraldi (1999) diz que o brincar está relacionado à separação da criança da mãe e que a manipulação dos objetos feita no brincar significa que a criança já não é um puro objeto. Segundo a autora, o espaço circunscrito pelo brincar permite à criança se afastar do corpo materno para habitar seu próprio corpo. Podemos estender essa idéia um pouco mais, acrescentando que o brincar, além de possibilitar que a criança se afaste do corpo materno e habite seu próprio corpo, permite habitar também um universo cultural determinado, já que os significantes tomados na atividade da produção sublimatória serão os significantes da cultura parental.

O brincar é relativo ao tempo da separação, no qual a atividade do sujeito torna possível que significações particulares sejam conferidas aos objetos, cobrindo com palavras o universo que o rodeia. Assim, a possibilidade de que a palavra se inscreva no corpo encontra no brincar uma experiência fundamental, sem a qual essa inscrição não poderia se dar por “acabada”.

A dimensão “sublimatória” do brincar fica esclarecida em sua relação com o processo de separação. É o que permite à criança tomar uma posição ativa frente à sua passividade inicial em relação ao desejo do Outro, movimento necessário à constituição de seu psiquismo. Seguindo as idéias de Pommier, podemos considerar a atividade lúdica como a produção de uma “obra”, que viabiliza à criança

se destacar da alienação que funda sua existência. Neste ponto, vale a pena lembrar que as expressões “pintar o sete” e “fazer arte” designam o momento em que as crianças estão fazendo “bagunça” de modo divertido e lúdico, através de alguma brincadeira. As expressões populares expressam, desta forma, a ligação entre o brincar e a produção artística, entre o brincar e a sublimação.

A ligação entre o brincar e a sublimação permite também pensar a importância daquele na direção da cura. Se o sintoma é o modo como o sujeito é capturado passivamente na alienação ao desejo do Outro, o brincar é a forma privilegiada pela qual uma criança pode fazer frente a essa entrega. Através dele, ela pode reapropriar-se de seu lugar de forma ativa, permitindo a criação de algo novo com os significantes que demarcam sua posição diante do Outro.

Referências

- BARALDI, Clemencia. *Jugar es cosa seria*. Rosario: Homo Sapiens, 1999.
- CORIAT, Elsa. *Psicanálise e clínica de bebês*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a.
- _____. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: _____. _____. Rio de Janeiro: Imago, 1980b.
- JERUSALINSKY, Alfredo. *Psicanálise e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- _____. Quando começa a transferência na infância? In: _____. *Seminários I*. São Paulo: USP/Lugar da Vida, 2001.
- _____. Quem analisa crianças? *Correio da APPOA*, Porto Alegre, ano 12, n. 134, p. 7-14, abr. 2005.
- KLEIN, Melanie. *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- POMMIER, Gérard. *O desenlace de uma análise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
- WINNICOTT, Donald. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.